

O aumento do número de clínicos de medicina interna nos hospitais pode representar uma poupança de milhões de euros, mas os serviços de saúde contam com cada vez menos internistas, revela um estudo da Universidade Nova de Lisboa.

De acordo com o trabalho de investigação do economista Pedro Pita Barros, que será apresentado quarta-feira durante o 6º Congresso Europeu de Medicina Interna, o Serviço Nacional de Saúde pode poupar cerca de 32 milhões de euros mantendo o mesmo número de médicos, mas reforçando a percentagem de internistas.

Perante a ideia generalizada de que a Medicina Interna é um "serviço muito dispendioso", o professor da Universidade Nova de Lisboa avaliou quais as consequências de substituir um por cento dos médicos de especialidades diversas por clínicos de medicina interna.

Os resultados do estudo revelam "uma poupança de cerca de 32 milhões de euros", disse à Lusa o presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna (SPMI), Faustino Ferreira, coordenador do congresso.

"A medicina interna tem doentes muito velhos e mais complicados e por isso é considerado um serviço muito dispendioso. O estudo quis saber quais as diferenças se esses mesmos doentes fossem tratados noutros serviços e tudo aponta que se conseguiria uma poupança enorme, com o mesmo número de médicos", sublinhou o presidente da SPMI.

Para Faustino Ferreira, os resultados da investigação são compreensíveis tendo em conta que os clínicos de medicina interna têm "uma abordagem mais global do problema e representam uma economia de meios porque utilizam de forma mais racional os equipamentos e meios".

"Nós conhecemos os hospitais, fazemos um mais rápido diagnóstico e conseguimos uma mais rápida afectação de recursos", disse, defendendo que "a Medicina Interna bem utilizada parece ser uma das formas para a sustentabilidade do serviço de saúde".

No entanto, de acordo com Faustino Ferreira, "há um decréscimo de um a dois por cento do número de médicos [internistas] nos hospitais".

Realidade que levou o especialista a defender que os responsáveis pelas políticas de saúde devem aumentar o número de vagas e criar condições para prestigiar a medicina interna, melhorando as condições de trabalho tanto a nível físico como remuneratório.

O presidente da SPMI lembrou que "alguns hospitais privados já começam a ter alguma preocupação em cativar e dar condições aos especialistas".

Habitualmente, a medicina interna é responsável por cerca de 20 por cento dos internamentos, recordou Faustino Ferreira, coordenador do congresso que durante quatro dias vai reunir mais de 1.700 profissionais de 50 países no Centro de Congressos de Lisboa.

O congresso, cuja abertura será presidida pelo Presidente da República, conta ainda com a participação do presidente do Instituto Gulbenkian de Ciência, António Moutinho, que apresentará a conferência "Lost in Translation: Immunology, as case-study in molecular medicine".

Estão ainda previstas outras 870 comunicações (270 orais e 600 em poster) durante o encontro, que assinala os 125 anos de autonomização da Medicina Interna.

SIM.

Lusa/Fim